

O bebê de
**Bridget
Jones**
os diários

Helen
Fielding

TRADUÇÃO
Alexandre Boide

p a r a l e i a

Copyright © 2016 by Helen Fielding

Baseado em colunas originalmente publicadas no jornal The Independent.

Com agradecimentos à Working Title Films e à Universal Pictures.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Bridget Jones's Baby: The Diaries

Capa

Tamires Cordeiro

Imagen de capa

Oleksandr Yuhlchek/ Shutterstock

Projeto gráfico

Rita da Costa Aguiar

Preparação

Lígia Azevedo

Revisão

Renato Potenza Rodrigues e Larissa Lino Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)

(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Fielding, Helen

O bebê de Bridget Jones : os diários / Helen Fielding ;
tradução Alexandre Boide. — 1ª ed. — São Paulo :
Paralela, 2016.

Título original : Bridget Jones's: Baby : The Diaries

ISBN 978-85-8439-050-2

1. Jones, Bridget (Personagem fictício) — Ficção 2.
Romance inglês i. Título.

16-07886

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura inglesa 823

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.editoraparalela.com.br

atendimentoaoeditor@editoraparalela.com.br

Sumário

INTRODUÇÃO, 9

PARTE 1: O presságio multifacetado, 13

PARTE 2: O batizado, 27

PARTE 3: Homens são como ônibus, 39

PARTE 4: Perimenopausa, 51

PARTE 5: De quem é?, 57

PARTE 6: Contando a verdade, 63

PARTE 7: Babaquice, 81

PARTE 8: Valores familiares, 97

PARTE 9: Caos e desordem, 109

PARTE 10: Colapso total, 131

PARTE 11: “Não”, 143

PARTE 12: Fazendo limonada, 149

PARTE 13: Caindo na real, 155

PARTE 14: Reconciliação, 167

PARTE 15: Sua majestade salva o dia, ou quase isso, 175

PARTE 16: Gravidez psicológica, 181

PARTE 17: A chegada, 189

PARTE 18: Você apareceu!, 195

E ENFIM..., 199

Agradecimentos, 203

INTRODUÇÃO

Querido Billy,

Tenho a sensação de que algum dia você vai acabar descobrindo tudo, então é melhor que seja eu a contar.

Estes são trechos dos meus diários, escritos em uma época bastante confusa.

Por favor, não fique horrorizado. Espero que, quando estiver lendo isto, já tenha idade suficiente para entender que até seus pais passaram por esse tipo de coisa. E você sabe que nunca fui um exemplo de bom comportamento.

A verdade é que, assim como existe uma diferença entre como as pessoas pensam que deveriam ser e como de fato são, existe uma diferença entre como acham que deveriam viver e como de fato vivem.

Mas, mantendo a calma e o ânimo, as coisas costumam dar certo no fim das contas — assim como no meu caso, porque ter você foi a melhor coisa que já me aconteceu.

Desculpe por isso e todo o resto.

Com amor,

Mamãe

(Bridget)

PARTE 1

O presságio multifacetado

SÁBADO, 24 DE JUNHO

Meio-dia. Londres. Em casa Ai, Deus. Ai, Deus. Estou superatrasada, de ressaca e tudo está uma verdadeira... Eba! Telefone!

“Alô, querida, adivinha só!” Minha mãe. “Acabamos de voltar do brunch com karaokê de Mavis Enderbury. E Julie Enderbury acabou de...”

Quase deu para ouvir o som dos pneus cantando quando ela se interrompeu, como se estivesse prestes a falar sobre peso com alguém que tem obesidade mórbida.

“O que tem ela?”, resmunguei, enfiando freneticamente as últimas fatias de queijo de cabra e uma barra de cereais na boca, para aliviar a ressaca, enquanto tentava achar algo apresentável para usar num batizado em meio à bagunça da cama.

“Nada, querida!”, ela respondeu em um tom agudo.

“O que foi que aconteceu com Julie Enderbury?”, insisti. “Colocou ainda mais silicone nos peitos? Arranjou um namorado brasileiro gostosão?”

“Ah, não é nada, querida. Ela acabou de ter o terceiro filho, mas não foi por isso que liguei...”

Grrr! Por que minha mãe SEMPRE faz isso? Como se já não fosse ruim o bastante estar passando da idade saudável para engravidar sem...

“Por que você está evitando o assunto do nascimento do terceiro filho de Julie Enderbury?”, rugi, apertando loucamente os botões do controle remoto da tv em busca de alguma forma de escape, só para dar de cara com uma propaganda que mostrava uma modelo anoréxica e um bebê brincando com um rolo de papel higiênico.

“Imagine, querida”, minha mãe respondeu em um tom leve. “Enfim, veja só a tal Angelina Jolie. Ela adotou aquele bebê chinês e...”

“Se está falando de Maddox, ele é cambojano, mãe”, reba-

ti com frieza. Nossa, do jeito como ela fala sobre celebridades alguém poderia imaginar que tinha acabado de conversar com Angelina Jolie no brunch com karaokê de Mavis Enderbury.

“A questão é que a Angelina adotou o bebezinho, fisgou o Brad e depois teve um monte de outros bebês.”

“Não acho que tenha sido por isso que ela *fisgou* o Brad Pitt, mãe. Ter um bebê não é tudo na vida de uma mulher”, respondi, me esforçando para entrar em um vestido pêssego absurdo e esvoaçante que usei pela última vez no casamento de Magda.

“É assim que se fala, querida. Muita gente tem uma vida maravilhosa mesmo sem filhos! Veja só Wynn e Ashley Green! Eles desceram o Nilo trinta e quatro vezes! Mas eles pelo menos eram um casal, então...”

“Na verdade, mãe, pela primeira vez na vida, estou muito feliz. Sou bem-sucedida, tenho um carro novo com GPS e estou livreeee”, gritei, olhando pela janela, e deparei — bizarramente — com um grupo de grávidas acariciando a barriga enquanto andavam pela rua.

“Hummm. Enfim, querida. Você nunca vai adivinhar o que aconteceu.”

“O que foi?”

Mais três grávidas apareceram, desgarradas da primeira leva. Aquilo estava começando a ficar esquisito.

“Ela aceitou! A rainha! Vamos contar com a presença real para comemorar o aniversário de mil e quinhentos anos da Ethelred Stone. Dia vinte e três de março!”

“Quê? Quem? Ethelred?”

Um verdadeiro batalhão de grávidas passava debaixo da minha janela.

“Você sabe. Aquela coisa perto do hidrante, onde o carro de Mavis foi multado. É anglo-saxão”, minha mãe continuou tagarelando. “Enfim, você não deveria estar no batizado hoje? Elaine me disse que Mar...”

“Mãe. Tem uma coisa muito estranha acontecendo aqui”, falei, com ar de mistério. “Preciso ir, tchau.”

Grrr! Por que as pessoas sempre querem fazer a gente se sentir mal por não ter filhos? Honestamente, quase todo mundo tem suas dúvidas sobre o assunto, inclusive minha mãe, que vive dizendo que talvez preferisse não ter tido filhos. E, de qualquer forma, não é fácil jogar uma criança no mundo de hoje, com os homens se tornando criaturas cada vez mais primitivas. A última coisa que a gente quer é... Aargh! Campainha.

12h30 Era Shazzer — finalmente! Abri a porta do prédio pelo interfone, saí correndo, surtei, voltei para a janela. Enquanto isso ela foi batendo os saltos até a geladeira, usando um vestidinho preto nada apropriado para um batizado e sapatos Jimmy Choo.

“Bridge, anda LOGO, caralho. A gente está mais do que atrasada! O que está fazendo aí na janela vestida de fada?”

“É uma maldição”, balbuciei. “Deus está me punindo por ser uma mulher egoísta que só pensa na carreira e renega a natureza com métodos contraceptivos.”

“Que porra é essa?”, ela perguntou aos risos, abrindo a geladeira. “Tem vinho?”

“Você não viu? A rua está cheia de grávidas. É um presságio multifacetado. Logo mais vacas vão começar a cair do céu, cavalos vão nascer com oito patas e...”

Shazzer foi até a janela e olhou para fora, com o bumbum arrebitado perfeitamente delineado pelo vestido preto.

“Não tem nada lá embaixo, a não ser um bonitão de barba. Que na verdade nem é bonitão. Não muito, pelo menos. Talvez sem a barba.”

Corri para a janela e olhei para a rua deserta, confusa. “Elas sumiram. Foram embora. Mas para onde?”

“Certo, calma, calma, muita calma, calma”, disse Shazzer, com a postura de uma policial americana que precisa lidar com

o oitavo maluco armado do dia. Pisquei várias vezes, paralisada, e então saí correndo e desci as escadas, ouvindo o batucar dos saltos dela atrás de mim.

Rá!, pensei quando cheguei à rua. Lá estavam MAIS DUAS grávidas, caminhando apressadas na mesma direção.

“Quem são vocês?”, confrontei as duas, cheia de coragem. “Por que estão aqui? Aonde estão indo?”

Elas apontaram para uma placa ao lado do café vegano fechado que dizia “IOGA PARA GRÁVIDAS”.

Ouvi o risinho de deboche de Shazzer atrás de mim.

“Ah, sim, claro, legal”, eu disse. “Tenham uma ótima tarde.”

“Bridget, você é muito louca”, disse Shaz. As duas caímos em uma gargalhada histérica na porta do prédio.

13h04. Meu carro. Londres “Tudo bem, a gente vai chegar a tempo”, disse Shazzer.

Estávamos presas no trânsito da Cromwell Road, quatro minutos atrasadas para os drinques de antes do batizado na Chislewood House. Ainda bem que no meu carro novo dá para ligar para as pessoas por comando de voz, pedir indicações de caminho e mais um monte de coisas.

“Discar Magda”, falei tranquilamente para o carro.

“Você disse ‘Sky Garden’?”, respondeu o carro.

“Não, sua imbecil”, gritou Shazzer.

“Recalculando a rota para Forest Hill”, disse o carro.

“Não, sua estúpida, idiota!”, berrou Shazzer.

“Recalculando a rota para Studely Wallop.”

“Não grita com o carro.”

“Você vai defender essa porra de carro agora?”

“Ponha a calcinha. Ponha a CALCINHA.” A voz de Magda de repente trovejou nos alto-falantes do carro. “Você não pode ir a um batizado sem calcinha.”

“Mas estamos de calcinha”, respondi, indignada.

“Fale por você”, murmurou Shaz.

“Bridget! Onde é que você está? Você é a madrinha. A mãe vai bater em você, ouviu?”

“Está tudo sob controle. Já estamos a caminho! Vamos chegar a qualquer minuto!”, falei, dando uma olhadinha de soslaio para Shazzer.

“Ah, que bom, então andem logo, porque estamos precisando daqueles drinques. Por falar nisso, queria te contar uma coisa.”

“O quê?”, perguntei, aliviada por Magda não estar furiosa comigo. O dia estava saindo melhor que o esperado.

“Hã... é sobre o padrinho.”

“Siiim?”

“Desculpa. A gente teve tantos filhos que esgotou todas as opções de homens com um mínimo de estabilidade na vida. Jeremy falou com ele sem me avisar.”

“Com quem?”

Houve uma pausa, em que só dei para ouvir os gritos ao fundo. Então uma única palavra me atravessou como a faca de um chef francês faria com uma peça de queijo de cabra.

“Mark.”

“Você está brincando?”, perguntou Shazzer.

Silêncio.

“Não, sério mesmo, você está brincando, Magda?”, ela repetiu. “Como assim, porra? Que história é essa, sua sádica do caralho? Você não vai colocar a Bridget no altar com Mark Darcy na frente de um bando de bem-casadas exibidas, presunçosas e...”

“Constance! Guarda isso. PÔE DE VOLTA NA PRIVADA! Desculpa, preciso ir!”

Magda desligou.

“Encosta o carro”, disse Shaz. “A gente não vai. Pode dar meia-volta.”

“Pegue o retorno”, disse o carro.

“Magda está tão desesperada para prender Jeremy que

precisou ter mais um bebê ‘não planejado’, mas se ela não tem mais ninguém decente para chamar para ser padrinho, isso não significa que você precisa brincar de papai e mamãe no altar com o careta do seu ex-namorado.”

“Mas eu tenho que ir. É uma obrigação. Tipo ir para o Afeganistão. Sou a madrinha.”

“Bridget, não estamos falando do Exército, e sim de uma convenção social idiota e antiquada. Encosta o carro.”

Tentei parar, mas as buzinadas histéricas dos outros carros me impediram. Finalmente, consegui encostar num posto de gasolina.

“Bridge.” Shazzer me olhou e tirou uma mecha de cabelo do meu rosto. Por um momento, cheguei a pensar que fosse me beijar.

Porque os jovens de hoje nem se preocupam mais em definir se são gays ou hétero. Eles simplesmente SÃO. E é bem mais fácil lidar com mulheres que com homens. Por outro lado, gosto de transar com homens e nunca...

“Bridget!”, exclamou Shazzer. “Você está viajando de novo. Chega de fazer sempre o que os outros querem. Pense em você. Vai transar. Se está condenada a viver nessa porra de pesadelo, pelo menos aproveite para dar uma trepada NO PESADELO. E é isso que eu vou fazer, não no pesadelo, no meu apartamento mesmo. Se você quer se colocar nessa situação COMPLETAMENTE INACEITÁVEL só para agradar os outros, então vou pegar um táxi. Prefiro passar a tarde amadrinhando um cara qualquer.”

Só que Magda é minha amiga e sempre foi muito legal comigo. Então fui para o batizado pensando em como as coisas poderiam ter sido diferentes, sem ninguém com quem conversar a não ser meu carro novo, que para minha sorte estava bem tagarela.

Cinco anos antes...

Ainda não acredito que isso aconteceu. Não era minha intenção fazer nada de errado. Eu só estava tentando ser legal. Shazzer tem razão. É melhor ler alguma coisa, tipo *Por que os homens amam as mulheres poderosas*.

Mark e eu fizemos nossa festa de noivado no Claridge's Ballroom. Eu teria escolhido algo mais boêmio, com luzes coloridas, lustres de palha, sofás do lado de fora etc. Mas o Claridge é o tipo de lugar que Mark considera apropriado para esse tipo de evento, e relacionamentos são assim mesmo, a gente precisa se adaptar. E Mark, que não sabe cantar, *cantou*. Fez uma paródia de "My Funny Valentine".

*Minha divertida namorada, doce e divertida namorada
Você derreteu meu coração de pedra no micro-ondas
Suas conversas nada eruditas
Sobre celulite e calorias
Cada defeito faz com que te ame mais
É obcecada por seu peso. Está sempre atrasada
Sua vida é uma bagunça
Mas não precisa ler Poe ou Proust
Pode continuar com suas revistas
Só quero seu afeto sincero
Não mude, só case comigo*

Cantou muito mal mesmo, é verdade, mas como ele é sempre tão contido, todo mundo ficou emocionado. Mark não conseguiu se segurar e me beijou em público. Sinceramente, jamais pensei que pudesse ser tão feliz em toda minha vida.

Depois disso foi só ladeira abaixo.

RESOLUÇÕES PARA A VIDA PÓS-EPIFANIA ESPIRITUAL:

- 1) Não começar de novo a fumar e beber, porque já não bebo há onze dias e só fumei dois cigarros (não quero passar mais uma vez pelo que passei para consegui-los). Contudo, umas taças de vinho até que cairiam bem. É óbvio que preciso memorar. Sim.
- 2) Não depender de homens, apenas de mim mesma. (A não ser que Mark Darcy queira voltar. Ah, Deus, espero que sim. Talvez ele se dê conta de que ainda me ama. Espero que esteja no aeroporto me esperando.)
- 3) Não me chatear com coisas pequenas, como peso, cabelo rebeldes, ou quem Jude convidou para o casamento.
- 4) Não descartar conselhos de livros de autoajuda, poemas etc., mas limitá-los a ideias-chave, ou seja, otimismo sem fanatismo, perdoar (embora talvez não o Puto Jed, como agora será chamado).
- 5) Ser mais cuidadosa com os homens, pois são claramente — como o Puto Jed, para não falar de Daniel, prova — perigosos.
- 6) Não aceitar desaforo das pessoas, ou seja, de Richard Finch, e confiar mais em mim mesma.
- 7) Ser mais espiritualizada e me ater a esses princípios.

Se algum dia as coisas voltarem ao normal, vou manter distância de:

- a) Karaokês
- b) Daniel Cleaver (meu ex-namorado e antigo colega de faculdade de Mark Darcy, além de atual arqui-inimigo, responsável por arruinar seu primeiro casamento ao ser pego transando com a mulher de Mark em cima da mesa da cozinha de Mark num dia em que Mark chegou mais cedo do trabalho)

Eu estava passando meio cambaleante por uma das messas depois de cantar “I Will Always Love You” quando vi Da-

niel Cleaver me olhando com uma expressão atormentada e trágica.

Daniel pode ser bem manipulador, infiel, mentiroso e muito grosseiro, além de perder o controle quando se trata de sexo, é claro que Mark o odeia, por causa de tudo o que aconteceu no passado, mas ainda assim tem alguma coisa nele que me atrai.

“Jones”, disse Daniel. “Preciso da sua ajuda. Estou sendo consumido pelo arrependimento. Você é a única criatura no mundo que poderia me salvar, e agora vai casar com outro. Estou despedaçado. A gente pode trocar umas palavrinhas a sós, Jones, por favor?”

“Ssssim, zuzo bem, Danziel, claro”, balbuciei, confusa. “Sssó quero que todo mundo sssseja tão felizzz quanto eu.” Talvez eu estivesse um pouquinho bêbada.

Daniel me pegou pelo braço e começou a me puxar para algum lugar.

“Estou sofrendo, Jones. Estou atormentado.”

“Não. Essscuta aqui. Acho de verdade que... que a felicidade é täääão...”

“Vem comigo, Jones, por favor. Preciso conversar com você a sós...”, disse Daniel, me levando com passos trôpegos para uma salinha ao lado. “Minha vida está mesmo condenada?”

“Não!”, eu falei. “Não! Daniel! Você VAI ser feliiizzz! Com certeeezza!”

“Me abraça, Jones”, ele pediu. “Acho que nunca mais vou...”

“Essscuta aqui. A felicidade é felizzz porque...”, fui interrompida quando nós dois nos desequilibraramos e caímos no chão.

“Jones”, ele grunhiu, parecendo cheio de tesão. “Me deixa dar uma última olhada na calcinha de vovó que eu tanto adoro. Posso ter um momento de felicidade antes que tudo desmorne de vez?”

A porta se abriu de repente e, horrorizada, vi o rosto de

Mark bem no momento em que Daniel estava levantando minha saia. Vi uma pontada de dor nos olhos castanhos dele, e em seguida frieza total.

Essa era a única coisa que Mark não conseguiria perdoar. Fomos embora da festa juntos, como se nada tivesse acontecido. Durante semanas tentamos seguir em frente, fingindo para os outros que estava tudo bem, mas sem conseguir fingir um para o outro.

Sabe, sou formada em inglês e literatura inglesa na Universidade Bangor, e a situação toda me lembrou de uma frase da obra maravilhosa de D. H. Lawrence:

Alguma coisa em sua alma orgulhosa e honrada se cristalizou, firme como uma rocha, contra ele.

Alguma coisa na alma orgulhosa e honrada de Mark se cristalizou contra mim. “Qual é o problema com esse cara? Foi uma coisinha à toa, nada que se compare a um compromisso para a vida toda. Ele sabe como Daniel é”, disseram minhas amigas. Mas, para Mark, era muito. Eu não conseguia entender, e ele não conseguia explicar. Foi a gota d’água. Mark acabou me dizendo que não podia seguir em frente. Ele se desculpou pelo inconveniente, pela decepção etc., e se encarregou de dar a notícia para nossos amigos e familiares de forma digna. Pouco depois, aceitou um emprego na Califórnia. Eu ainda tinha meu apartamento.

Minhas amigas foram ótimas. “Ele é um puta de um careta que tem a cabeça bagunçada por ter estudado em colégio interno. Nunca vai conseguir assumir um compromisso com ninguém”. Seis meses depois, se casou com Natasha, a lambisgoia metida com quem estava na primeira vez que o vi de terro — no lançamento de *A motocicleta de Kafka*, onde ela ficou

tagarelando com Salman Rushdie sobre hierarquias culturais, enquanto a única coisa em que consegui pensar para dizer foi: “Você sabe onde fica o banheiro?”.

Daniel nunca mais me procurou. “FODA-SE. Ele é um maníaco sexual que morre de medo de compromisso. Nunca vai se acertar com ninguém”, esbravejou Shazzer. Sete meses depois, Daniel se casou com uma princesa/ modelo do Leste Europeu. Às vezes ele aparece nas páginas da *Hello*, apoiado no parapeito de um castelo com montanhas ao fundo, parecendo ligeiramente envergonhado.

E lá estava eu, cinco anos depois, dirigindo pela autoestrada M4, superatrasada, prestes a rever Mark pela primeira vez.